

UM DINOSAURO ENTRE NÓS: a objetividade do *TAO* em Clive Staples LEWIS nos pressupostos jurássicos de *A ABOLIÇÃO DO HOMEM*

Werner Schröer Leber¹

A mais rica biblioteca, quando desorganizada, não é tão proveitosa quanto uma bastante modesta, mas bem ordenada. Da mesma maneira uma, uma grande quantidade de conhecimento, quando não foi elaborado por um pensamento próprio, tem muito menos valor do que uma quantidade bem mais limitada, que, no entanto, foi devidamente assimilada (SCHOPENHAUER, 2013, p. 35).

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Escrever um trabalho para um curso de pós-graduação em tempos nos quais tudo que seja considerado conservador é, quase que unanimemente, visto como anti-intelectual e inimigo da humanidade, é uma opção nada politicamente correta e sempre sujeira a rejeições e acusações as mais diversas. Sobretudo, quando o tema de análise é justamente sobre as assertivas ultraconservadoras - o *TAO* - de um autor irlandês contra as inovações e vanguardas de seu tempo – a primeira metade do século XX. Mesmo assim é o desafio que assumimos, sabendo que ideias como as de C.S. Lewis, para quem um padrão moral vindo do *TAO* é uma regra válida desde sempre, na atualidade estão longe de serem bem recebidas, e vistas, sem exagero, como vindas de extraterrestres. E quando alguém na atualidade aventura-se pelo *TAO*, geralmente não o faz com as convicções políticas de Lewis, mas por uma opção religiosa, mística, holística, o que se chama, por assim dizer, esoterismo.

O próprio Lewis (2014, p. 46) dá o tom das regras ético-morais que defende ao reivindicar o *TAO* como fundamento para todo e qual ação que esteja em via de se apresentar como inovadora e vanguardista: “*Fora do TAO, não há possibilidade de crítica nem ao próprio TAO nem a mais nada*”. Essa passagem enigmática e dogmática é significativa à medida, quase como Nietzsche, põe-se a filosofar com o martelo. Pensadores assim, recebem frequentemente, a indigna alcunha de anacrônicos, retrógrados e ainda vários outros termos inglórios e desabonadores, para dizer o mínimo. O que então justifica, fundamenta e motiva analisar um autor que não é só considerado conservador, mas é praticamente um ser do período cretáceo da era mesozoica? Que validade acadêmica e

¹ Professor de filosofia na rede Catarinense de ensino público.

que contribuição ao saber atual tal investida representa? Existem várias e distintas maneiras de ver o problema, mas não há e nunca haverá certamente, uma resposta cabal e definitiva a tal interrogação. De outro lado, a resposta poderia ser uma outra pergunta: o que justifica que ideias, pressupostos, assertivas e literaturas que não estejam na ordem do dia, não mereçam ser lidas e estudadas?

1.1 Lewis e o Dualismo Ideológico atual: perigos e possibilidades

Ninguém tem ideias neutras e destituídas de sentido. Pensar, ler e ensinar estará sempre alicerçado em alguma inclinação ideológica, o que é naturalmente inevitável. Porém, poucas vezes viveu-se tempos polarizados entre dualismos ideológicos nada fáceis de explicar como nos tempos que correm, ao qual cada um dos lados se aferra como se ali estivesse a tábua de salvação. Dependendo de onde se está, sobretudo no campo das ideias políticas, a intolerância e a ofensa desmedida são sempre as regras unâimes de ambos os lados. Exceções? Há, mas poucas.

Como chegamos até esse ponto? Quem dividiu o mundo entre os bons, os salvadores da humanidade, cujas ideias expressam a liberdade e a democracia, e os maus, cujas ideias jurássicas e indignas devem ser varridas da face da Terra por perpetuar ditaduras e valores anticivilizatórios, que já deveriam estar extintos há séculos? De onde vem essa arrogância que Thomas Sowell denomina “**a visão dos ungidos**” (XAVIER, coord., 2019A, p. 180)? Essa é uma questão muito séria, contra a qual o texto de Lewis e suas ideias em geral são uma afronta perigosa, um contraponto que nunca deveria ter existido, conforme os inovadores e progressistas, pela total inutilidade e ranço do passado que evoca. Mas será? Mesmo que os adversários estejam sempre à espreita e com o dedo em riste para tripudiar, é preciso ter coragem e contrapor.

Nenhuma ideia ou ideologia pode ser tão hermeticamente fechada e perfeita a ponto de não poder receber objeções e críticas. Ora, tal procedimento, é uma contradição dos vanguardistas. No afã de demonstrar a superioridade moral, política e científica das ideologias que propõem, apegam-se a elas tão dogmaticamente que elas passam a ter a função que a teologia medieval tinha para o crente. É ou não uma contradição? Não está em estudo algum, e uma análise aprofundada certamente mostraria que a ninguém constaria, que só determinados tipos de ideias previamente definidas como mais bem

apropriadas para o mundo atual, devam receber análises e considerações. E nessa empreitada, não estamos tão sozinhos.²

Verifica-se que o número de críticas às ideias literárias, filosóficas e políticas consideradas conservadoras, recebem em muito maior número, alcunhas, impropérios e desprezo. E esses títulos desabonadores são atribuídos a monstros sagrados da produção intelectual mundial, tais como, por exemplo, Thomas Sowell, Friedrich Hayek, R. Aron, Ayn Rand, Mario F. dos Santos, para ficar em poucos exemplos. Junto com Lewis, são também considerados “fósseis vivos” por aqueles e aquelas que respiram o ar vanguardista, definido por eles mesmo, como a baliza mestra desde onde se pode julgar todo o resto e condenar ao ostracismo quem ousa divergir.

Quase que sem exceção, no Brasil em particular, com os e as intelectuais mais alinhadas às questões e desdobramentos advindos do marxismo, isso não ocorre. Veja-se, por exemplo, a aceitação de Maurice M. Ponty, J-P Sartre, Perry Anderson, Eric Hobsbawm, Jacques Derrida. O que explica uma tão ampla aceitação das teses de Ponty, de Sartre se todas elas remetem a Edmund Husserl? Esse último, por aqui, seja por ignorância e ideologia rasteira, seja por ativismo ideológico praticados nos centros de ensino de todos os níveis e demais instituições não passa de uma afronta mencionar o seu nome. Exceções

² Percebiam que já de início, quando analisa-se uma obra que não está dentro do protocolo oficial das ideias correntes atuais que, por marketing, moda, ignorância, determinada ideologia – o tal politicamente correto -, são consideradas melhores, vanguardistas, deparamo-nos com um problema central: como justificar análise de um autor ou autora que esteja fora dessa de rol meritocrático? Mas ai de quem ousar dizer que isso é meritocracia! As publicações a favor e contra existem em variados números e com variados enfoques e níveis também. As a favor, visivelmente ganham de goleada, pelo menos, em quantidade. Como exemplo, temos Marilena de Souza Chauí, Leonardo Boff, Jessé de Souza, Márcia Turibi, Terry Eagleton até Djamila Ribeiro, - ativista do movimento feminista e eleita para a Academia Paulista de Letras recentemente -, o tom é sempre o mesmo: bom e correto é tudo que está em torno daquilo que o *Establishment* cultural avalia como intelectualmente mais coerente e mais bem fundamentado. E quem não se encontra nesse rol é, via de regra, alcunhado de conservador, portanto, alguém com ideias e ideologias inferiores, intelectualmente pouco relevantes, anacrônicas, ultrapassadas e abjetas. Nesse segundo caso, por exemplo, inserem-se pensadores como Gilberto Freyre, Ayn Rand, Olavo de Carvalho, José Guilherme Melquior, Mario Ferreira dos Santos, Luiz Felipe Pondé, Thomas Sowell, Roger Scruton, Ives Granda Martins e Friedrich Hayek, Dennys Garcia Xavier, todos considerados defensores de pensamentos e teses “fossilizadas” pelo *Establishment* atual. Pelo menos, aqui no Brasil. Mas será mesmo que essas diferenças são aquilo que a mídia diuturnamente não se cansa de nos enfiar goela abaixo? São essas correntes tão vanguarda assim ou apenas má filosofia? Ou nada disso, mas apenas escolhas e opções de quem conquistou o poder de manipular as instituições com a novilíngua que inventaram? Faremos uma exceção a Terry Eagleton. Embora ele seja inserido no rol dos pensadores progressistas e esquerdistas, o que de faro foi por muito tempo, seu pensamento é também em muitos casos divergente em relação ao *Establishment* institucionalizado. Há muitas ideias que estão fora do jargão corriqueiro (*Establishment*), a nosso ver, muito melhor analisadas que os ditos politicamente corretos. Nesse caso, encontram-se as ideias de Thomas Sowell, analisadas por vários artigos que citaremos como **XAVIER**, Dennys Garcia (org.). **Thomas Sowell e aniquilação das faláciais ideológicas:** breves lições. São Paulo: LVM Editora, 2019a. Em particular os artigos de Fernanda Aquino Sylvestre, *Sowell e uma leitura sobre as visões de sociedade e a realidade paralela na mídia e no mundo científico*, Capítulo 5 - pp.149-165; Francisco Rocha, *A segurança como virtude e a insegurança criada pelos virtuosos*, Capítulo 6, p.167-178 e Anamaria Camargo, *As faláciais da superioridade moral ante a tragédia humana*, Capítulo 7, p. 179-198.

ficam para os centros de filosofia stricto sensu, onde o autor tem relativa recepção, mas bem menos que seus estudantes e discípulos, como M. Ponty e J-P Sartre.

Voltando a Lewis, lê-lo e estudá-lo em nosso modesto entendimento, se justificativa uma vez que as ideias de um grande autor são, por assim dizer, atemporais. E ainda que não sejam, de vem o direito de estudar, analisar e dar crédito somente às ideias e prerrogativas de determinado padrão de conhecimento? O texto *A Abolição do Homem*, escrito em 1943 (LEWIS, 2014), forma o eixo de análise de nossa investida. Porém, para abordar a envergadura das premissas de Lewis, consultamos várias referências com o propósito de aclarar e minuciar certos aspectos que nosso autor deixa entreabertas. Fez-se necessário construir um enredo hipotético e filosófico para escrutinar os meandros e pressupostos que Lewis nem sempre expõe de modo enfático. Não por último, registra-se que as obras de Lewis traduzidas para o português brasileiro que encontramos em nada tem semelhança com o texto de 1943. O que permite, salvo exceções raríssimas, designar a “*A Abolição do Homem*”, como um ponto fora da curva da genial e profícua literatura de Lewis.

De modo sucinto, verifica-se que o texto é breve, enxuto, mas nem por isso deixa de ser aquilatado. Está constituído por ricas objeções que chamaremos de modo geral de “inacabadas” ou “semi-ditas”. O que isso significa? Por acaso, o autor não esclarece os termos dos quais se utiliza em sua crítica? Podemos dizer Sim e Não. Sim porque as respostas estão lá, mas não diretamente indicadas. Não porque Lewis, certamente, nunca quis oferecer uma resposta técnica, e sim que seus leitores entendessem o espírito do *TAO*, cuja interpretação pode ter muitas conotações sem destruir os valores sobre os quais se assenta.

Grosso modo, C. S. Lewis põe-se a criticar uma tendência didática inovadora de seu tempo, contra a qual levanta suas contraposições. Aqui já está o problema central do texto: Lewis nunca diz abertamente contra o que exatamente está se opondo. Percebe-se, porém, que ele está em pugna contra determinados valores que considera inadequados e perigosos que se encontram nos textos dos “inovadores”.³ Todavia, o texto enxuto que escreveu não permitiu que ele se deslongasse em pormenores, o que leva a quem lê seu texto ter de imaginar quais seriam os perigos que se avizinhavam, e que se colocavam contra a ordem natural das coisas, traduzida genericamente como *TAO*.

³ Os termos “os inovadores” ou “o inovador”, atribuídos aos pensadores e tendências que Lewis condena, são recorrentes ao longo do texto da tradução para o português brasileiro.

Lewis, mesmo tendo sido ateu até os 30 anos de idade, teve uma guinada à fé cristã e foi também, de um modo muito peculiar, exegeta de textos bíblicos, ou seja, um teólogo amador. Seu pendor à erudição o fez culto e exigente, porém conservador para os padrões correntes, de modo que alguns analistas o consideram um “dinossauro do século XX” (SANT’ANNA, 2022).⁴ Lewis, portanto, foi considerado, para usar um termo prosaico, conservador.

1.2 Erudição e Conservadorismo: contraponto ao vanguardismo reinante, antigo e atual

Mas o que seria conservadorismo? Nos dias atuais aqui entre nós brasileiros, infelizmente, o termo conservadorismo ou conservador tornou-se algo abjeto, digno de ser empurrado para as raias daquilo que há de pior no mundo, aquilo que deve ser combatido e derrotado a todo custo. Acreditamos que em várias partes do mundo, especialmente na Europa e nos Estados Unidos, isso também se verifica, e, às vezes, com ímpetos ainda mais exacerbados que os que vemos aqui.⁵ Em termos conceituais, de um ponto de vista acadêmico e com um nível de civilidade razoável, conservadorismo, sob o crivo de cientistas políticos, sociológicos e filosóficos, pode ter muitas faces.⁶ Tomaremos emprestado de outro britânico, um filósofo da estética, as caracterizações gerais do seja ser conservador, pois acreditamos que o sentido destas perspectivas do filósofo pode também ser aplicado a Lewis. Vai assim:

O conservadorismo advém de um sentimento que toda pessoa madura compartilha com facilidade: a consciência de que as coisas admiráveis são facilmente destruídas, mas não são facilmente criadas. Isso é verdade, sobretudo, em relação às boas coisas que nos chegam como bens coletivos: paz, liberdade, lei, civilidade, espírito público, a segurança da propriedade e da vida familiar, tudo o que depende da

⁴ Essa apreciação é descrita com detalhes em um texto escrito por Filipe Galhardo Sant’anna denominado “Um Dinossauro no séc. XX: uma introdução à teologia de C.S. Lewis”, disponível em: <https://ultimato.com.br/sites/cslewis/2018/03/15/um-dinossauro-no-sec-xx-uma-introducao-a-teologia-de-c-s-lewis/> (acesso em 14/07/22).

⁵ Ver a Nota 2, acima.

⁶ O seja ser “conservador” está longe de ser unanimidade entre os especialistas. Tomemos como exemplo do texto de Souza (2018) no qual ele faz uma análise do conservadorismo brasileiro. Para esse autor, conservadorismo resume-se a ter uma visão distorcida das forças econômicas que o escravismo deixou – analisadas à luz das teorias de Max Weber e Karl Marx. Os liberais brasileiros seriam conservadores e os valores que eles defendem estão ligados com o patrimonialismo escavado em “obras de profetas do passado (p. 17)”. Quais? Platão, por exemplo, nos informa o sociólogo, cuja doutrina teria fornecido “a base cotidiana e inconsciente de toda a ética ocidental” (p. 23-24). Sob outros aspectos, uma visão sociológica apenas sob o ponto de vista econômico, como faz Souza, seria visto por Lewis não como vanguarda, mas como uma visão empobrecida de mundo, estreita e canhestra. Não seria justamente contra uma visão materialista de cunho marxista que Lewis está a se posicionar?

cooperação com os demais, visto não termos meios de obtê-las isoladamente. Em relação as tais coisas, o trabalho de destruição é rápido, fácil e recreativo; o labor da criação é lento, árduo e maçante. Esta é uma das lições do século XX (SCRUTON, 2017, p. 09).

Se esta é uma das lições do século XX, como afirma o autor acima citado, Lewis, já bem antes, havia percebido o quanto destrutivo e maléfico podem ser as inovações e invenções, somadas às ideologias consideradas vanguardistas. Tanto para Lewis como para Roger Scruton – mais influente filósofo conservador britânico das últimas quatro décadas – considerar algo “inovador” ou “vanguarda” não define por si só o grau de bem dessas intenções, e nem de longe mostra ser melhor que os valores antigos, aos quais se opõem.

A erudição enciclopédica do autor que investigamos levou-o, no mais das vezes, a considerar seus leitores e críticos no mesmo nível de si próprio, razão pela qual o texto de 1943 é sucinto demais em face da envergadura do tema que aborda (LEWIS, 2019)⁷. Por outro lado, é notório que Lewis não menosprezava a inteligência e a astúcia de seus leitores. Decorre daí acreditarmos que esse seja o motivo que o levou a escrever *A Abolição do Homem* de maneira sucinta, mas carregada de análises críticas, lógicas e pedagógicas, meandros nem sempre tão facilmente identificáveis.

Em vários momentos da obra percebe-se a contenda de Lewis para denotar a diferença entre uma educação libertadora e natural e uma artificialmente construída sobre argumentos que os autores criticados não conseguem sustentar. Pois, como se verá, essa é a acusação que Lewis imputa aos que está a criticar. “O Inovador” é um termo que nosso autor utiliza com frequência para referir-se a Gaius e Titius, nomes fictícios que Lewis utiliza para reportar-se aos autores que critica (LEWIS, 2014)⁸. E de modo também fictício ele denomina *Livro Verde* o texto de Gaius e Titius. O objetivo de Lewis é impugnar os valores educacionais e morais difundidos no *Livro Verde*, ainda que não mencione de modo direto quais seriam esses valores. Pelo menos não de início. De modo geral, todos os comentadores e comentadores que verificamos, concordam que a pequena, mas densa, obra é uma crítica à subjetividade que pairava na sociedade europeia do período da Segunda Grande Guerra e das consequências que daí poderiam vir. Da segunda metade do século XX em diante, impôs-se uma tendência filosófica, científica e jurídica mais

⁷ Especialmente o capítulo 2 (*Falsas caracterizações*, p.13-22), e o Capítulo 4 (*A leitura dos não literatos*, p. 37-48), o autor deixa claro em que rol de leitores ele se encontra. Conforme Lewis expõe, os grandes escritores nem sempre se preocuparam em pormenorizar suas teses. Cabe ao bom leitor buscar aquilo que uma leitura (interpretação) vulgar não percebe.

⁸ Por exemplo, páginas 29 e 30.

inclinada às ideologias socialistas, comunistas, ou que levem em consideração o bem-social que as riquezas produzidas deveriam proporcionar. É claro que isso é um discurso de poder político igual ou pior que àquele a quem pretende se opor, mas enraizou-se de tal modo que virou aquilo que hoje chamamos *Establishment* – uma certa ordem que tem como presunção a “Evolução e a Justiça” (HAYEK, 2019, p. 145). As duas Grandes Guerras do período somadas à Grande Depressão de 1929 ajudaram a formar uma ideia negativa sobre o individualismo e sobre o sistema capitalista, ou seja, sobre os valores que normalmente são considerados valores liberais europeus. E não temos como negar que ideologicamente autores de correntes políticas consideradas vanguardistas foram muito mais estudados e aceitos que conservadores como Hayek (2019; 2022), Sowell (2019) e Scruton (2017). No caso brasileiro, basta ver o quanto as prerrogativas de Jessé de Souza, Leandro Karnal, Marilena Chauí, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Habermas, e todos os integrantes do Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt como Adorno, Horkheimer, Marcuse e outros pensadores mais alinhados ao Establishment político de esquerda – que nos Estados Unidos é considerado liberal⁹ – são aceitas e propagadas entre artistas, intelectuais, professores, conferencistas e estudantes universitários. Não estamos julgando o mérito das obras deles, mas o que leva um sociólogo francês como Pierre Bourdieu ser tão relevante no meio universitário brasileiro e americano ao passo que um sociólogo com Raimond Aron, também francês e contemporâneo de Bourdieu, ser tão esquecido? E se fomos um país ditatorial, conservador e liberal no sentido europeu, o que explica que nossos intelectuais estiveram e estão sempre mais inclinados aos pensadores e pensadoras de esquerda nos últimos 60 anos, pelo menos? Desnecessário dizer que discursos ideológicos promovem inclusões e exclusões a partir de uma certa *régua metafísica* que mede o grau de vanguarda e de conservadorismo dos autores. No tempo em que Lewis escrevia *A abolição do Homem*, as ideias vanguardistas também criavam seleções de valores válidos e não-válidos, ou aceitos e não-aceitos. Mas é precisamente sobre esse vanguardismo que Lewis aponta o dedo a fim de mostrar que as respectivas premissas de tais defensores são infundadas e falsas.

⁹ Não confundir com o sentido do termo liberal e liberalismo que foi, segundo Hayek, adulterado pelos socialistas da América. Hayek (2019, p. 209) chama isso de “a trapaça proposital dos socialistas americanos”.

1.2 Taoísmo e Literatura

Pode parecer extravagante, enigmático, estranho que um autor irlandês, nascido em ambiente fortemente marcado pela tradição cristã anglicana e pela cultura ocidental em 1898, recorra ao TAO, uma tradição milenar proveniente da sabedoria oriental.¹⁰ Sobretudo quando se verifica que **A Abolição do Homem** foi publicada em 1943 (LEWIS, 2014) e um ano antes, isto é, 1942 veio a público seu texto **Cristianismo Puro e Simples**, versão traduzida para o português (LEWIS, 2009). Em 1949, surgiu **O Peso da Glória**, versão traduzida para o português (LEWIS, 2017). Soma-se ainda ao mesmo tipo de literatura a coleção de Textos e Pregações, que se iniciam em 1941 e se encerram em 1963, ano da morte do autor. Essa coleção saiu primeiramente nos Estados Unidos em 1970 com o título *God in the Dock: Essays on Theology and Ethics*, e aqui no Brasil recebeu o nome **Deus no Banco dos Réus** (LEWIS, 2018). Em 1961 foi publicado um texto também importante denominado *An Experiment in Criticism* – traduzido para o português como **Um experimento em crítica Literária** (LEWIS, 2019).

TAO, um conceito sobre a natureza oriundo da sabedoria oriental, remete aqueles ensinamentos que foram apresentados e sintetizadas por mestres profícuos como Buda e Confúcio. “O taoísmo se interessa pela sabedoria intuitiva e não pelo conhecimento racional, diz Capra (2019a, p. 124)”¹¹ É verdade que o TAO também já se encontrasse presente na filosofia grega antiga dos pré-socráticos, para quem tudo muda o tempo todo, estando os opositos sempre juntos. “É o caso de Heráclito que percebe que tudo flui”, comenta Capra (2019a, p. 127).¹²

Excetuando-se a filosofia de Nietzsche, a intuição taoísta não foi o tema central da filosofia ocidental contemporânea. E mesmo quando a intuição entra no cenário filosófico e

¹⁰ C.S. Lewis foi ateu até mais ou menos os trinta anos de idade, quando guinou à tradição cristã, mas de uma maneira muito peculiar. Sua teologia não encontra paralelos em destacados teólogos cristãos protestantes de seu tempo, como, por exemplo, Karl Barth, Paul Tillich ou Rudolf Bultmann.

¹¹ Para exemplificar o TAO, uma vez que no texto em questão Lewis não define o que seria, seja porque supõe que seu leitor esteja familiarizado com o conceito, seja porque julga que entendimento genérico do sentido do TAO seja algo elementar que não precisa de maiores esclarecimentos, recorremos a Fritjof CAPRA (2018, 2019a e 2019b) para trazer mais plausibilidade sobre o sentido e o emprego do termo.

¹² É também notório que historiadores e comentadores da filosofia ocidental raramente citam abertamente o Tao, ao falarem dos primeiros filósofos e matemáticos ocidentais. Por exemplo, (KENNY, 1999, p. 19-43). Ele escreve um capítulo chamado “A infância da filosofia”, que forma o 1º capítulo de seu livro, sem nunca mencionar a relação dos antigos físicos e matemáticos ocidentais da Jônia (sul da atual Turquia) com a sabedoria oriental.

literário, como ocorre em aspectos dos textos de Maurice Merleau-Ponty e Bergson, por exemplo, ela nunca é examinada pela perspectiva simples e objetiva do *TAO* oriental.

Mas o que leva C. S. Lewis ao *TAO*? Essa resposta não é assim tão fácil porque ele próprio nunca o disse abertamente. Sempre, porém, deixou as portas e janelas abertas para que seus leitores pudessem deduzir ou pressupor. Lewis foi ateu até o fim da adolescência, e se orgulhava disso. Mas mudou e tornou-se um apologeta da fé cristã. Em sua bibliografia, além de escritor, ensaísta, professor universitário é, em muitas das vezes, dito que foi teólogo.

Para alguém que já leu outros textos de Lewis, *A Abolição Do Homem* traz uma abordagem mais técnica, o que torna sintomático e diferente a abordagem deste em relação a outros textos do autor. O texto de 1943 apresenta um Lewis mais catedrático, mais analítico, mais preocupado em defender uma posição epistemológica conceitual que propriamente fazer literatura ficcional, o que ele sempre fez e da melhor qualidade. Ou, assim suspeitamos, para querer manter a boa literatura, é que ele elabora essa pequena crítica, com a qual pretende apontar os erros da educação de seu tempo, que havia descambado para o relativismo. Já tendo lido o livro em anos passados, chama-nos especial atenção o fato de este pequeno livro ser um dos mais comentados e enigmáticos de todos os que escreveu, na opinião se um sem-número de comentadores e escritores.

Várias vezes deparamo-nos com referências seja em textos virtuais ou mesmo físicos na, dizendo ser este o seu melhor texto. Mas por quê? Essa é a questão. Lewis não está apenas escrevendo mais uma obra literária, recheada de imaginações miraculosas e extravagantes, como em *Crônicas de Nárnia*, por exemplo. Aqui, ele está propondo uma análise de como certas pedagogias europeias de seu tempo deturparam aquilo que é natural e objetivo, no entendimento dele.

2. O PROBLEMA DO LIVRO VERDE

Para Clive Staples Lewis, duas palavras aparentemente despretensiosas, podem esconder grandes perigos. Esse é o problema do LIVRO VERDE. Lewis inicia seu texto perguntando se damos os devidos cuidados e importância aos livros didáticos do ensino básico. Se em 1943 ele estava preocupado com isso, o que não diria hoje? E passa a referir-se a um livro didático que visava ao ensino de inglês naquele tempo. Ele o intitula **Livro**

Verde, e dá os nomes Gaius e Titius, aos autores, para não os expor deliberadamente, conforme já dissemos acima. Convenhamos que já o título do livro e os nomes fictícios que Lewis adota, tem uma certa ironia. Lemos e rabiscamos nosso pequeno livro físico e depois passamos a verificar o que havia de importante publicado sobre o autor em outros arquivos.

Desse modo, essas críticas sempre indicam que Lewis tinha a intenção de apontar os erros e malícias de tradição subjetivista, relativista e inovadora que despontava, e estava presente em todos os setores das Universidades e escolas europeias de seu tempo. Nesse sentido ainda, os comentadores que consultamos apontam que Lewis queria não deixar morrer o objetivismo naturalista, encontrada no Tao, e que, segundo ele, mantinha o naturalismo objetivo de pé. Como o TAO que Lewis busca mantém a objetividade sem se perder em discursos ou retóricas transviadas? Não é isso um tanto extravagante para um cristão convicto?¹³ Ao longo do texto, Lewis repete com insistência que sua intenção está voltada contra a deturpação que o **Livro Verde** traz, ao inverter valores e desprezar outros. De modo sintético, nosso autor exprimiu assim a intenção dos autores Gaius e Titius:

Pois todo o propósito do livro é condicionar o jovem leitor a partilhar de certas opiniões; e, a não ser que eles sustentem que essas opiniões são em certa medida valorosas ou corretas, esse seria um empreendimento descabido ou mesmo malévolos. A bem da verdade, veremos que Gaius e Titius defendem, com um dogmatismo acrítico, todo o sistema de valores que estava em voga entre os jovens da classe média de instrução mediana durante o período entre as duas guerras. O ceticismo em relação aos valores é apenas superficial, sendo válido apenas para os valores alheios; eles não são muito céticos em relação aos valores correntes em seus próprios meios. [...] Muitos dos que “desmascaram” os valores tradicionais ou (como eles dizem) “sentimentais” tem no fundo valores próprios, que creem imunes a desmascaramentos semelhantes. Alegam estar cortando pela raiz o crescimento parasitário da emoção, da autoridade religiosa, da tabus herdados, para que valores “verdadeiros” ou “autênticos” possam emergir (LEWIS, 2014, p, 27-28).

O texto “A abolição do homem”, com finas ironias, está evidentemente, e de modo cabal, contra a perspectiva inovadora de Gaius e Titius, descrita acima. Mas onde está o problema? Já nas primeiras páginas do seu texto, Lewis mostra-se um exegeta dos termos empregados no *Livro Verde* e procurar evidenciar que as palavras dizem muito e que as palavras e termos também condicionam. Mesmo, em muitas das vezes, dizendo que Gaius e Titius não o fazem de modo deliberado, ele sustenta que o *Livro Verde* traz insígnias

¹³ Ainda que não seja a intenção de nosso texto elaborar delongas sobre o tipo de cristianismo presente na literatura de C.S. Lewis, é preciso observar que Lewis vê o cristianismo de uma forma muito particular. Em muitos círculos ele é conhecido como neocristão. Salvo engano, Lewis pode ser inserido em um tipo de tradição teológica que, mais tarde, passou a ser considerada **Pluralismo Religioso** e **Inclusivismo Religioso**, e que encontram em teólogos como John Hick, Karl Rahner e Jacques Maritain as mais firmes defesas. Sobre isso Stweeman (2013, p. 161-168).

perigosas para o mundo dos valores. Logo de partida diz: “*Não quero ridicularizar dois modestos professores escolares que estavam dando o melhor de si, mas não posso me calar diante daquilo que julgo ser a verdadeira tendência da obra*” (LEWIS, 2014, p. 01).

Mas em outras passagens Lewis dá a entender que os autores do *Livro Verde* tinham plena ciência do que faziam. Partindo de algo tão simples, como perguntar o que você vê em uma cachoeira para dois turistas, ao que os dois teriam respondido, respectivamente, que a cachoeira é **Sublime**, e o outro, que é **Bonita**, engendra-se toda crítica de Lewis. Como algo tão simples pôde ter despertado a contraposição de Lewis aos dois elaboradores de cartilhas para o ensino básico? Seja qual motivo for, verifica-se que essa simples questão sobre o sentido dado a dois termos, **Sublime** e **Bonita**, motiva toda a questão que C.S. Lewis traz em *A abolição do homem*.¹⁴

2.1 O perigo da ideologia vanguardista: a questão filosófica e epistêmica dos valores

Nosso autor passa então a criticar toda inovação pretendida a partir do entendimento que os autores do *Livro Verde* têm dos termos Sublime e Bonita. Quem diria que dois termos aparentemente banais e despretensiosos escondem toda a malícia dos autores e dos incentivadores dos novos valores? Pelo menos, é isso que Lewis indica. E mesmo que os dois professores Gaius e Titius pouco entendessem de inovações literárias e seus sentidos epistêmicos, estavam servindo a uma tendência perigosa e nefasta, de acordo com Lewis. Pelo que se percebe, é na linguagem, na forma de escrever que o perigo está. Mesmo sem o dizer de modo explícito, fica evidente que o problema encontra-se em conceituações linguísticas incorporadas ao livro didático de Gaius e Titius.

Mas, afinal, qual é o perigo que a linguagem esconde? Aonde, afinal, Lewis quer nos levar? A nosso ver, o que é um tanto óbvio a essa altura, trata-se de um problema ético e moral que conflita com os valores que Lewis defendia. Esses valores, grosso modo, estão no *TAO*. Mas o *TAO* é tão antigo quanto a humanidade, por isso alguns comentadores consideram o escritor irlandês das famosas *Crónicas de Nárnia*, um dinossauro. Para ilustrar o quanto alguns críticos consideravam Lewis um jurássico do século XX, citaremos uma

¹⁴ É por isso que esse sucinto texto de C. S. Lewis continua a desafiar nossa curiosidade à medida que guarda sempre algum mistério. Ele transforma um detalhe aparentemente ínfimo, algo que, certamente, passaria despercebido por muita gente, em um problema com o qual procurar apontar o perigo das inovações culturais e a destruição de valores consagrados.

passagem que mostra o centro dessa questão e o quanto o próprio Lewis tinha consciência de que se comportava como um Sócrates recém-saído do túmulo:

Pois, apesar de Lewis não ter nenhuma formação teológica, sua formação acadêmica conferiu-lhe um acúmulo de informações acerca de culturas primitivas que poderia fazer inveja a qualquer grande teólogo. Em sua aula inaugural em Cambridge, intitulada *De Discriptione Temporum*, Lewis encerra fazendo alusão e apelo à sua autoridade à pesquisa de primeira mão. Ele diz a seus alunos: “*Eu leio como nativo um texto que vocês devem ler como estrangeiros.*” Quero justamente argumentar aqui em favor da sua autoridade acadêmica em literatura medieval, história antiga e filosofia clássica como um elemento decisivo de sua capacidade teológica no que diz respeito à compreensão dos principais pensadores cristãos do período medieval, patrístico e pré-cristão. Para fazer alusão a uma imagem fornecida por ele mesmo, é como se ele fosse uma espécie de Dinossauro ou Neanderthal retirado dos tempos longínquos de Sócrates ou Agostinho, e colocado no centro das discussões do século XX, “e se o Neanderthal pudesse falar”, disse ele aos seus alunos de Cambridge, “então, embora sua técnica de palestras possa deixar muito a desejar, não deveríamos quase certamente aprender com ele algumas coisas do passado sobre as quais o melhor antropólogo moderno nunca poderia ter nos contado?” (SANT’ANNA, 2022)¹⁵

Se tivermos razoabilidade em nossa análise, isso significa que Lewis sabe que a linguagem se realiza no círculo de uma língua, mas conforme forem os valores dessa sociedade, pode-se manipular, distorcer, implantar ideias e pressupostos. Nenhuma linguagem é destituída de intenções. Como dizem os linguistas: “*A linguagem é ao mesmo tempo física, fisiológica, psíquica e de domínio social. É simultaneamente o único modo de ser do pensamento [...]*” (BASTOS; CANDIOTTO, 2007, p. 15). Os valores que estariam sendo ameaçados são aqueles que permitem imaginar, sonhar, supor, enfim, aqueles que permitem a grandeza da literatura: produzir emoções e imaginações. Nesse sentido,

Sem a ajuda das emoções treinadas, o intelecto permanece impotente diante do organismo animal. Eu preferiria jogar cartas contra um homem que fosse inteiramente céitico em relação à ética, mas que tivesse sido criado para acreditar que “cavalheiro não trapaceia, do que contra um irrepreensível filósofo moral que tenha crescido entre vigaristas (LEWIS, 2014, p. 22).

Em nossa visão, esse seria um problema que Lewis quer abordar e, para isso, serve-se do *Livro Verde*, justamente porque lhe possibilita tecer críticas contra a vanguarda de seu tempo bem como também expor a sua tese a respeito do **TAO**. Mas qual, exatamente? Em nosso modesto entender, os valores e sua forma de transmissão são o pano de fundo da crítica de Lewis aos “inovadores”, que é como ele denomina incansavelmente autores como Gaius e Titius. Uma série de valores estão sempre em jogo na nossa existência e

¹⁵ SANT’ANNA, “Um dinossauro no século XX: uma introdução à teologia de C. S. Lewis. Disponível em: [\(https://ultimato.com.br/sites/cslewis/2018/03/15/um-dinossauro-no-sec-xx-uma-introducao-a-teologia-de-c-s-lewis/\)](https://ultimato.com.br/sites/cslewis/2018/03/15/um-dinossauro-no-sec-xx-uma-introducao-a-teologia-de-c-s-lewis/) Acesso em 14/07/2022.

nenhum pressuposto cultural e nenhum texto são isentos de sentido. Em outra passagem relevante para acepção, Lewis diz que:

Toda força de Titius e Gaius depende do fato de estarem lindando com um menino; um menino que crê estar “fazendo” a sua “tarefa de inglês” e que nem suspeita de que os conceitos éticos, teológicos e políticos estão em jogo. Não é uma teoria que está sendo incutida em sua cabeça, mas um pressuposto; um pressuposto que, dez anos mais tarde, quando sua origem estiver esquecida e sua presença for inconsciente, vai condicionar-lo a tomar determinado partido numa controvérsia que jamais soube existir” (2014, p. 04-05).

O campo epistêmico de Lewis é, sobretudo, a literatura, e sua capacidade de produzir sentidos àquilo que se imagina e aquilo que se depreende daquilo que se lê. Literatura é alargamento da visão e vasão da imaginação de um modo que nos moldes técnicos nunca será possível. Na literatura cavalos e vacas voam. Gansos e Patos falam. Por isso que quando os autores do *Livro Verde* repreendem o menino que havia dito que a cachoeira é “sublime”, a fúria de Lewis se manifesta. Que razão e fundamento têm aqueles autores para defenestrar o entendimento e a perspectiva que o menino tem de uma cachoeira?

2.2 Vanguardas e Conflitos: visões de mundo e racionalidade

A solidão confere um duplo privilégio à pessoa intelectualmente superior, a saber: primeiramente o de estar a sós consigo mesma, em segundo lugar o de não estar com os outros (SCHOPENHAUER, 2014, p.136).

Se a nossa suspeita tiver algum mérito, na concepção literária e filosófica de Lewis, as coisas mais perigosas, em um sem-número de vezes, não estão nas grandes teorias rebuscadas de estilos e erística sofisticada, mas nos pressupostos nem sempre expressos, os quais passam despercebidos para a grande maioria de leitores seja qual for o tipo texto em questão. Se assim fosse, ele poderia ter tomado alguma obra filosófica, histórica ou mesma de Literaturas amplamente conhecidas e divulgadas na metade do século XX. Ele poderia, por exemplo, ter feito uma crítica à filosofia Martin Heidegger ou à teologia de Rudolf Bultmann. Ou ainda aos textos de George Orwell ou Aldous Huxley. Quem sabe, não o fez por entender que esses autores estavam mais acordo que em desacordo com as prerrogativas dele. É possível? Mesmo assim, não havia ninguém entre os “inovadores” que fosse amplamente conhecido do grande público daquele tempo, com os quais nosso autor poderia ter divergências fatais como as que encontrou no pequeno manual de inglês

para estudantes de ginásio? Não temos como saber, todavia, é provável que não quisesse um confronto aberto com ninguém. Isso poderia trazer desgastes e virulências em uma época já castigada pelos flagelos da *Grande Guerra* em curso.

Lewis, assim interpretamos, parece estar a dizer justamente que pelas insígnias ideológicas de que um determinado pressuposto enceta, é possível calcular as consequências de determinados pressupostos. Isso parece óbvio, mas também pode não ser. As visões de mundo, uma vez cristalizadas, encobrem a nossa capacidade de ver as coisas de outro modo que aquele já consagrado. E quase sempre isso acontece por estarmos preocupados em seguir o que é socialmente mais bem aceito. Sobre esse aspecto, Schopenhauer (2014, p. 57) observa que,

[...] o valor que depositamos sobre a opinião alheia e a nossa constante preocupação com relação a ela ultrapassam, via de regra, quase toda finalidade racional, de maneira que isso pode ser visto como uma espécie de mania universalmente propagada ou mesmo inata. [...] Sem essa preocupação viciosa, o luxo não chegaria a ser um décimo do que é.

É muito evidente que Lewis sabia muito bem as consequências objeções que sua destemida “análise jurássica” poderia suscitar. Todavia, pouco se preocupava em ser considerado conservador ou um dinossauro do século XX, como mencionamos acima. Ele se preocupava em demonstrar que nem tudo que é aceito pelo maior número de pessoas é necessariamente, por isso só, melhor e mais adequado à humanidade. Nesse quesito Lewis encontra-se mais perto de Descartes: uma só pessoa pode ter mais razão que a humanidade toda. Descartes ensina que, mesmo que todos estejam contra mim, devo me manter resoluto em minhas convicções. Preciso andar sempre em linha reta para chegar a algum lugar. Quem anda em círculos não chegará a lugar algum. Definitivamente, as modas literárias e filosóficas não agradavam a Lewis, e, no mais das vezes, estavam crivadas de ideologias perigosas e premissas falsas.

2.2.1 Conflitos antigos e atuais do problema

Outro autor considerado conservador e do tempo de Lewis, chamado Friedrich August von Hayek (1899-1992), foi um escritor, filósofo e economista austríaco muito crítico das inovações e dos discursos que estavam surgindo nos anos de 1940, 1950 e 1960. A crítica de Hayek dirigia-se mais à economia e a visão torta que os socialistas tinham sobre ela, como é o caso de *The Road to Serfdom*, escrito em 1944, recentemente editado no

Brasil com o título de *O CAMINHO DA SERVIDÃO* (HAYEK, 2022). No entanto, ele também abordou temas que se assemelham aos que Lewis aborda em seu pequeno texto de 1943, ou seja, os novos valores construídos pela linguagem e o poder ideológico manipulatório que essa linguagem (discurso) tem sobre os valores construídos ao longo dos séculos de civilização. Nesse tempo, como hoje, os socialistas consideravam-se vanguarda intelectual e viam com desprezo que se dedicava às letras e não confessava o novo credo que se institucionalizava. Mas cheio de incoerências baseadas em ensinamentos e visões de mundo duvidosas. Vejamos essa citação de Hayek (2022, p. 85), que não tem uma relação direta com a temática de Lewis, mas mostra a confusão que a modernidade política e literária acabara de criar:

A relativa facilidade com que um jovem comunista podia converter-se em nazista ou vice-versa era notório na Alemanha [...]. Na década de 1930, muitos professores universitários conheceram estudantes ingleses e norte-americanos que, regressando do continente europeu, não sabiam ao certo se eram comunistas ou nazistas – sabiam apenas que detestavam a civilização liberal do Ocidente.

Em seu tempo, provavelmente aquele pequeno manual de inglês para cursos ginásianos era lido por muitos professores e utilizado por muitos estudantes. Todavia, ninguém se apercebeu, como Lewis, dos problemas que esse pequeno manual trazia. Ou a inovação havia se tornado algo tão esplendoroso que ninguém ousava, como Lewis, a recorrer a uma pedagogia “jurássica” como o Tao para contrapor-se às insinuações do *Livro Verde*. Como que uma cachoeira não pode ser sublime? Como Gaius e Titius se atrevem a retratar o alcance da literatura? Por que, de um modo literário, não se pode ter “sentimentos sublimes”? São essas questões imaginativas e literárias, negadas pelos autores do *Livro Verde*, que formam o pano de fundo da crítica de Lewis, como já apontamos antes. Se a nossa suspeita estiver correta, será possível afirmar ou presumir que Lewis anteviu um problema analisado posteriormente pelo economista norte-americano Thomas Sowell, nos textos *A Conflict of Visions: Ideological Origins of Political Struggles*, escrito em 1987 e o texto *The Vision of the Anointed: Self-Congratulation as a Basis for Social Policy*, escrito em 1995. (CAMARGO, 2019, p. 179-180)

Mas nenhuma literatura deixa de ser, de modo epistemológico, também uma questão filosófica. E Lewis está lidando com problemas epistêmicos que são por natureza intrínseca campos filosóficos, embora não o diga abertamente ou mesmo nem se importasse com o nome que dariam à crítica que estava a fazer. Seu problema é desmascarar a aparente ingenuidade embutida nas lições para colegiais do *Livro Verde*. Interrogar-se

sobre o sentido do conhecimento, interrogar-se sobre os valores literários, científicos e filosóficos, como Lewis faz, é, em nossa visão, nada mais nada menos que buscar o campo epistêmico adequado para aqueles valores. O que está em questão, é que a literatura não pode ser confundida com critérios estritamente científicos do tipo positivista. Lewis está também fazendo crítica literária com a qual pretende evidenciar que a literatura não é em nada menor que a ciência em sentido técnico – que os filósofos modernos denominam razão instrumental – ou menor que a lógica filosófica. Ela independe de provas materiais estritamente empíricas.¹⁶

O naturalismo científico de início do século XX impôs à literatura e às ciências humanas, incluindo a filosofia, um papel de coadjuvante em detrimento do empirismo naturalista das ciências físicas e naturais, muito influenciadas pelas teses naturalista de Charles Darwin e, sobretudo, pela ideologia Positivista francesa de August Comte. Esse movimento intelectual fora muito forte na literatura e nas ciências em geral na primeira metade do século XX. No Brasil as suas máximas chegaram até à Bandeira Nacional. Os termos **Ordem e Progresso** são derivações da filosofia positiva de August Comte. Todos nós sabemos bem a hierarquia de saberes que o Positivismo instaurou quando Comte estabeleceu sua valoração positiva, com a qual quis equiparar as ciências sociais e a filosofia, aos padrões técnicos e controláveis das ciências naturais. Queria que as ciências humanas fossem algo como uma “física ou biologia social”. Assim escreve Dutra (2005, p. 47), sobre as pretensões do positivismo nos conhecimentos em geral:

O Positivismo é o grande opositor das doutrinas metafísicas. Via de regra, os positivistas são aliados das ciências empíricas e defensores de seus procedimentos, que são baseados sobretudo na observação e na experimentação; acusam as filosofias tradicionais de serem formas reiteradas de desprezo por tudo aquilo que, da forma mais óbvia possível, nos dão a experiência e a positividade dos dados trazidos pelas observações.

Em seu ensaio sobre crítica literária, Lewis afirma que “[...] ao ler a grande literatura, eu me torno mil homens e, mesmo assim, continuo a ser eu mesmo” (2019, p.151-152). Como que alguém pode se transformar e continuar a ser ele mesmo? Um positivista

¹⁶ No início do século XX, a ideologia científica positivista estava em voga. Segundo ela, uma verdade só tem validade em termos de provas empíricas. Tal visão, colocava a metafísica, as ciências humanas e a literatura em uma posição inferior. Esse tema é longo e tem capital importância na ciência e na filosofia moderna pelo modo como impactou os conhecimentos no século XX e continua a impactar no século XXI. Mas não temos como desenvolver a temática nesse momento porque isso nos levaria a afastar-se do objetivo central de nosso escrito. Para maiores detalhes sobre o Positivismo e sua recepção no conhecimento moderno remetemos a capítulo 2: Positivismo, em Dutra (2005, 47-71).

convicto certamente riria desdenhosamente de tal perspectiva, bem típico da miopia positivista, ou daria um nó no cérebro, à procura vã de dar sentido à assertiva por meio das leis derivadas da natureza. Ora, transformar-se em várias coisas e continuar a ser o que se é, representa essa transposição imaginativa, essa possibilidade estritamente literária e metafísica que estava vituperada. A nosso ver, a literatura e o sentido metafórico com ela “inventa mundos” estava sendo equiparada em grau e valor ao conhecimento mensurável tecnicamente nos tempos em que nosso autor escreveu *A Abolição do Homem*. Ou dizendo de outro modo: estava sendo retratada pelo fato de não poder conter aquelas insígnias técnicas que o positivismo reivindicava como conhecimento válido. Tinha se tornado um tipo de conhecimento de menor valor ante as operacionalidades “[...] das leis que regem os fenômenos naturais e sociais, e de suas causas”, como diz o comentador e filósofo Dutra (2005, p. 49). E, se estivermos certo, o que Gaius e Titius apresentam no *Livro Verde* confronta com o ser da literatura enquanto trabalho criativo, humanizador, desenvolvedor da imaginação. É preciso saber ler de modo de “uma pessoa literata”, como Lewis se autointitulava (2019, p. 142).¹⁷ Disso se segue, seguramente, que os autores que ele interpreta e critica, estavam equivocados na forma de compreender o sentido valorativo da literatura e sua importante missão no desenvolvimento das possibilidades de nossa imaginação.

2.3 Homens sem Peito

Lewis recorre à alegoria platônica com a qual o grego antigo havia estabelecido que a política pode ser comparada com o corpo humano. Assim, a sociedade é formada analogicamente por três classes sociais que representam respectivamente Cabeça, Peito e Abdômen. Como se sabe, Platão dividia a sociedade em três classes conforme o nascimento de cada pessoa. Platão estava convencido de que a alma racional, e só ela, poderia nos levar a melhores lugares, desde que se soubesse ouvi-la. O problema é que nem todas as pessoas vêm ao mundo com a alma racional. Somente uns poucos, e que deveriam ser os administradores da cidade – filósofos governantes. Estes, equivalem ao Ouro, o metal mais nobre e também tinham a missão mais nobre: governar e ser pacíficos.

¹⁷ Um experimento em crítica literária. Nesse texto, a imaginação, a força criativa da literatura é melhor comentada, mas que não é possível ser analisado agora, infelizmente. Um experimento em crítica literária

Os demais nasciam com uma alma torácica (formada pela prata) ou uma alma apetitiva (formada de bronze. Dessas duas, a primeira estaria ligada à forma, ao controle militar da cidade; já a segunda seria responsável pelos apetites, pela produção de alimentos que abastecem a cidade. Ao longo do texto, Lewis por várias vezes aponta que não está sempre de acordo com Platão. Faz também várias críticas a Aristóteles. Ainda assim, porém, parodiando Platão diz que “*a cabeça domina o estômago por meio do peito [...]*” (2014. p. 22). Justamente o Peito é o que os escritores do *Livro Verde* extirpam com suas inovações, conforme nosso autor. Para Lewis, o Peito, em Platão, representa a honra, o sentimento, a glória, os valores civilizatórios que não podem ser negligenciados. A emblemática e irônica passagem abaixo, dá o tom da crítica de Lewis:

A operação do Livro Verde e seus semelhantes é produzir o que podemos chamar de *Homens sem Peito*. É abominável que não raro deem a isso o nome de *Intelectuais*. Isso lhes dá a chance de dizer que quem os ataca, está atacando a *Inteligência*. [...] Não é o excesso de pensamento que os caracteriza, mas uma carência de emoções férteis e generosas. Suas cabeças não são maiores que as comuns: é a atrofia do peito logo abaixo que faz com que pareçam assim (2014. p. 23)

Lewis reforça que é comum ouvir palavras como ímpeto, autossacrifício, dinamismo por parte daqueles que se opõem ao conservadorismo cultural. E reforça ironicamente a sua percepção sobre a Inovação de Gaius e Titius: “*produzimos homens sem peito e esperamos deles virtude e iniciativa*” (LEWIS, 2014, p. 23).

3. O TAO É O CAMINHO A CAMINHO DO TAO

Primeiramente começaremos com esta emblemática passagem, em que nosso autor despeja o mais ácido veredicto sobre os escritores do *Livro Verde*, Gaius e Titius:

Não que eles sejam homens maus. Eles não são homens em absoluto. Saindo do TAO, eles caíram no vazio. Nem os objetos do condicionamento serão homens infelizes. Eles não são homens em absoluto: são artefatos. A conquista final do homem mostrou-se a Abolição do Homem (LEWIS, 2014, p. 61).

Toda a luta de nosso autor está em contrapor-se aos valores defendidos pelo *Inovador* (inovadores), termo com o qual define as assertivas de Gaius e Titus, como já dito antes. Percebe que os inovadores atacam os valores tradicionais e consagrados contra o que entendem ser valores “racionais ou “biológicos”, afirma Lewis (op. cit., p. 40). A filosofia ocidental, excetuando-se Arthur Schopenhauer (2001; 2013; 2014; 2016) e Nietzsche, esse

último apenas parcialmente, não ousou lidar com a filosofia oriental de uma maneira substancial. Ao contrário, buscou firmemente afastar-se da tradição oriental, apontando os elementos internos da razão – o logos – como os elementos mais importantes para o estabelecimento do conhecimento objetivo e seguro, rejeitando os mitos, que era como os gregos viam os aspectos das religiões e sabedorias orientais. E se não rejeitaram os mitos, pelo menos, construíram um saber paralelo à mitologia, procurando articular um saber que dependesse dos critérios da razão em si mesma, sem recorrer a autoridades, mitos, deuses e sabedorias aceitas e consagradas em outras civilizações (RUSSEL, 2017).

Apenas Nietzsche retorna aos pré-socráticos, sobretudo a Heráclito. Heráclito teria relações com a sabedoria oriental por meio de sua filosofia do fluxo eterno segundo o qual tudo que há está em mutação constante (CAPRA, 2019a). Schopenhauer percebe que “[...] *Heráclito constatava com melancolia o fluxo eterno de todas as coisas*” (2001, p. 14). É factível que outros como, por exemplo, Parmênides, Pitágoras Anaximandro, também o tivessem, mas não foi essa a questão levantada pelo pré-socratismo de modo geral. E mesmo que questões místicas orientais possam ser identificadas em Sócrates e Platão por meio de alegorias¹⁸, o que é bastante evidente, não se pode dizer que estavam fazendo o mesmo que os sábios orientais (RUSSELL, 2017).¹⁹ O objetivo dos primeiros filósofos ocidentais, os físicos da Jônia, era desenvolver um arcabouço explicativo que pudesse traduzir os conhecimentos que antes foram expressos de forma mitológica. Nesse sentido, esses pensadores reivindicavam o logos para explicar as regras e as possíveis leis do mundo físico, a Physis. O período socrático foi marcado pela busca do autoconhecimento e a tarefa da razão em sentido político no que diz respeito à nova ordem que vinha se estabelecendo na Grécia, isto é, a democracia, as formas de governar, a concepção de justiça e da política (KENNY, 1999).

Mas como Lewis conecta o TAO à literatura e faz dele, digamos assim, o caminho apologético da genuína verdade ou do suporte teórico e intuitivo do qual tudo o mais sobre a Terra dependem? Nosso autor, como já indicado, tem uma erudição encyclopédica e dela se vale para apontar os erros da miopia de escritores do tipo de Gaius e Titius, sempre com

¹⁸ Por exemplo, Lewis, 2014, p. 22. Interessante a forma como C. S. Lewis interpreta a **Alegoria da Caverna**, Livro VII de A REPÚBLICA de Platão, e ao mesmo tempo relaciona a metáfora das três partes do corpo – a teoria política de Platão – ao TAO. Com isso, Lewis pretende apontar os erros dos autores do **Livro Verde**. Não podemos desenvolver essa temática porque ela nos levaria para um caminho que não está diretamente relacionado à modesta intenção de nossa interpretação. Mas é um aspecto também muito importante.

¹⁹ Especialmente o capítulo “**Antes de Sócrates**”, páginas 13-62, na qual o autor expõe de modo delongado as origens do pensamento ocidental por meio dos pensadores da Jônia e de Éfeso, localidades que hoje pertencem à Turquia e situam-se no Sudoeste deste país, banhadas pelo Mar Egeu.

refinada ironia ácida. O que Lewis está a procurar é, grosso modo, *indefinível*. Equivale, só por analogia embora com sentido diferente, à frase de Parmênides: o *Ser* é; e o *não-Ser*, *não* é. Para a ontologia, tudo se resume ao *Ser*. Tudo que há, é o *Ser*. Mas não podemos racionalizar e demonstrar tecnicamente o que seja *Ser*. Mas Lewis não fala de ontologia e metafísica. É possível, inclusive, que rejeitasse a nossa sugestão. Segundo sua percepção, a filosofia, a teologia, as ciências e a literatura também estão inseridas no *TAO*. E como saber disso? Schopenhauer (2001, p. 73) fez um registro que, em nosso entendimento, expressa o sentido do que Lewis visava quando afirma que tudo está no *TAO*:

a intuição – seja pura e a priori, como nas matemáticas, seja a posteriori, como nas outras ciências – é fonte de verdade e o fundamento de toda ciência. [...] Não são os juízos fundados sobre provas, nem suas provas, fundados nela, mas os juízos saídos diretamente da intuição e, para cada prova, fundados nela, que são para a ciência o que o sol é para o mundo. É deles que emana toda a luz, e tudo aquilo que eles iluminaram é capaz de iluminar, por sua vez.

O *TAO* é a verdade no sentido oriental, presente nos opositos, isto é, naquilo que é, aparentemente, contraditório, inexplicável por conceitos técnicos; aquilo que não pode ser medido para fins meramente utilitaristas. Forma, o arcabouço profundo de todas as civilizações e os valores que permitiram que chegássemos até aqui. São as lições de sabedoria expressas pelo movimento civilizatório e que nos mantém culturalmente, embora que, no mais das vezes, nem nos lembramos de tais origens. Desse modo, *TAO* significa caminho no sentido intuitivo, a exemplo da citação acima. Lewis está a buscar um eixo que nortearia os valores de todas as sociedades, como se houvesse um elo entre as civilizações e que fizesse com que elas se mantenham naquilo que podemos chamar de natureza humana (LEWIS, 2019). É um pressuposto, que encontra eco no grande crítico do iluminismo europeu “os *dogmas mudam*, a nossa ciência é mentirosa, mas a natureza nunca se engana: os seus passos são seguros, ela nunca vacila” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 296).

3.1 A Rebeldia dos Galhos contra a Árvore: a crítica de Dentro e de Fora ao TAO.

Para Lewis há uma diferença fundamental e decisiva em um desenvolvimento que vem de “*dentro*” e uma simples inovação em uma língua. O que seria vir de dentro? Um grande escritor traz modificações na língua em que escreve as suas poesias e obras de ficção, por exemplo, mas ele o faz a partir da língua materna, a partir da língua falada no meio em que ele escreve. O *TAO*, nesse caso, permite que as pessoas percebam a

mudança e a entendam como aprimoramentos, podendo também criticá-la porque surge dos antigos valores visto que “*a língua que se submeteu às mudanças foi a mesma que inspirou as mudanças*” (LEWIS, 2014, p. 44). Em outra passagem ele procura definir de uma maneira mais extensiva o que entende por *TAO* e porque o reivindica como elementar na escala dos valores que defende:

Isso a que tenho chamado por conveniência de Tao, e que outros poderiam chamar Lei Natural, Moral Tradicional, Primeiros Princípios de Razão Prática ou Primeiros Lugares Comuns, não é um entre vários sistemas de valores possíveis. É a única fonte possível de todos os juízos de valor. Caso seja rejeitado, todos valores serão também rejeitados. Se qualquer valor for preservado, também ele será preservado. O intuito de refutá-lo e de erigir em seu lugar um novo sistema de valores é em si mesmo contraditório. Nunca houve, e nunca haverá, um juízo de valor radicalmente novo na história do mundo. Tudo aquilo que pretende ser um novo sistema ou (como se diz agora) uma “ideologia” consiste em fragmento do próprio Tao, arbitrariamente arrancado de seu contexto e então hipertrofiado até a loucura em seu isolamento, mas devendo ainda ao Tao, e somente a ele, a validade que possuem. Se o meu dever para com meus pais não passa de superstição, então o mesmo vale para meus deveres em relação à posteridade. Se a justiça é uma superstição, então também o é meu dever para com meu país ou para a minha raça (sic). [...] A rebeldia das novas ideologias contra o Tao é a rebeldia dos galhos contra a árvore: se os rebeldes pudessem vencer, descobririam que destruíam a si próprios (LEWIS, 2014, p. 42-43).

Conforme se percebe na citação acima, o que nosso autor denomina *TAO* é um pressuposto Metafísico, e que, em linguagem filosófica, é o Ser. Todas as coisas estão radicadas no que se denomina Ser, conforme a ontologia. Mas é estranho que em nenhum momento Lewis usa o termo *metafísica* ou *ontologia*. O autor está convencido de que a humanidade não tem, digamos assim, nada de tão genuíno, mas tudo remete sempre a um passado – o *TAO*. Portanto, assim entendemos, *metafísica* e *ontologia* são pressupostos do *TAO* para Lewis. Em vários momentos afigura-se que, para Lewis, *TAO* seria equivalente a um dogma, algo irrefutável de onde emanam todas as coisas. Daí segue a enigmática afirmativa: “*Fora do Tao, não há possibilidade de crítica nem ao próprio Tao nem a mais nada*” (op. cit., p. 46). Ou em outra passagem: “*Não se deve apontar uma pistola para a cabeça do Tao*” (ibid., p. 47). Em uma outra passagem ligada ainda a esse propósito, Lewis traz uma ponderação com a qual acentua a dificuldade de delimitar uma fronteira entre quem critica de “dentro” e quem apenas critica de “fora”:

É possível, sem dúvida, que em alguns casos seja uma questão sutil determinar onde termina a crítica interna legítima e onde começa a fatal crítica externa. Mas onde quer que um preceito da moral tradicional tenha sido desafiado a se justificar, como se coubesse a ele o ônus da prova, teremos feito a escolha errada. (ibid, p. 47).

Como indicamos acima, as mudanças nos valores acontecem, porém sempre de dentro e nunca de fora, como querem os progressistas e inovadores que critica. O avanço das questões valorativas e morais só pode acontecer a partir daquilo que se conhece e se vivencia. Ninguém pode propor mudar algo que não conheça em seu sentido mais profundo. Ninguém pode querer propor mudanças em uma língua com base em modismos acadêmicos ou egoísmo pessoal. Seria a rebeldia dos galhos contra a árvore, como já dito. Toda crítica exterior a um sistema de valores e de conhecimentos historicamente sedimentados não faz sentido por carecer justamente do espírito (TAO) que organizou aqueles entendimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossas considerações iniciais, ainda que não fosse necessário, achamos útil trazer um aporte sobre o vanguardismo e conservadorismo. Nossa intenção foi tão somente buscar algumas referências para justificar a nossa escolha. Decorre daí as notas explicativas que fizemos e não por pedantismo ou exibicionismo. Nosso autor, como por diversas vezes foi em nossa investigação, é considerado tão conservador que seus comentadores atuais o consideram algo como um “fóssil mesozoico vivo”. É claro que há exageros, mas Lewis nunca quis ser um escritor de modo e, de igual modo, nunca se sentiu ofendido ou de menor valor pelo fato de evocar valores considerados conservadores. Sabia que a cultura bem fundamentada mantém também muito tempo depois que os laços que fundaram aquela cultura já nem existam. Lewis é um escritor de ficção, mas é também, e de muitos modos, um crítico político e um filósofo. O termo Filósofo, em nosso entendimento, não se aplica a ele em sentido técnico profissional, como os catedráticos de universidade, os “profissionais” da filosofia. Aplica-se em sentido existencial e ontológico à medida que Lewis põe-se a meditar sobre valores e suas relações, trazendo em seu texto vários exemplos de ilustrações, comparações e alegorias como Sócrates e Platão também faziam.

Como foi apontado, Lewis está convencido de que a literatura e os valores que a sustentam, são definidos como marcos civilizatórios que não podem ser modificadas “de fora” do TAO. Tal procedimento, se levado a cabo, equivaleria, conforme frisamos, a uma revolução dos galhos contra a árvore que os sustenta. Ou seja, os inovadores estavam a construir argumentos cujo resultado seria a abolição da árvore em detrimento dos galhos. Essa alegoria ilustra como funciona o TAO: ele é a árvore no qual todos os valores estão

contidos. Se eliminar a árvore, nada restará. Que farão os galhos? Em outras palavras, os galhos são a humanidade e a árvore os valores civilizatórios que nos trouxeram até aqui: TAO. Não que crítica alguma não possa ser feita aos valores ou que estes são imutáveis. Mas qualquer mudança só pode ser feitos “*de dentro do TAO*”. O que, para Lewis, significa que a crítica nunca poderá ser tecida sem um profundo entendimento dos caminhos que nos levaram até aqui. Um bom escritor, só pode modificar uma língua, por ser falante daquela língua – por estar dentro dela. Sua modificação está inserida nos códigos da comunidade para quem escreve. Só a comunidade inserida no TAO entende seu processo e pode lhe tecer críticas e modificações. Desconsiderar isso, equivale a “*abolir o ser humano*”, isto é, torná-lo inútil, obsoleto, à medida que agora encontra-se arrancado da árvore que o gerou.

Em todos os casos, essa referência ao TAO é excêntrica, mesmo que o autor tenha justificado a forma como o emprega. Não devemos e nem podemos julgar tal opção como demérito, contudo, o que chama a atenção é que em outros textos Lewis não o menciona consistentemente como o faz aqui. Todavia seja exótica, excêntrica, completamente incomum, ou até extravagante, é um recurso do qual o autor se serve para elaborar seu contraponto aos inovadores de seu tempo.

Conforme críticas recentes, *A Abolição do Homem* é o melhor texto de Lewis.²⁰ Ele não está apenas escrevendo mais uma obra literária, recheada de imaginações miraculosas e extravagantes, como em Crônicas de Nárnia, por exemplo. Aqui, ele está propondo uma análise de como certas pedagogias europeias de seu tempo deturparam aquilo que é natural e objetivo, no entendimento dele. E para se contrapor às perspectivas relativistas engendra o TAO como recurso. Conforme percebemos, o TAO funciona para Lewis como um Oráculo ou um Aforisma, cuja verdade, mitológica ou não, não deveria ser posta em dúvida pelo imenso benefício que já trouxe à humanidade.

²⁰ Por exemplo: FILHO, Carlos Caldas; LIMA, Evane Soares. **A teologia imaginativa de C. S. Lewis: o sobrinho do mago e a visão lewiana da criação. Caminhos: Goiânia, v.18, p. 840-853, 2020. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/8139>** Acesso em (14/07/22). Outra abordagem vem de Carlos Adriano Ferraz C.S Lewis, natureza humana e a “abolição do Homem”. Resgatar as virtudes deveria ser uma questão de “políticas públicas”. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/cs-lewis-natureza-humana-e-a-abolicao-do-homem-3c9zozqy6zf6cqc7dv8g2c796/> Acesso em (14/07/22). COSTA, Vitor. A abolição do homem: 5 principais lições e resenha completa. Disponível em: <https://casadoestudo.com/abolicao-do-homem/> (Acesso em 12/06/2022). BATISTA, Érica. (2018). Resenha: A Abolição do Homem, C. S. Lewis. Disponível em: <https://erika-batista.medium.com/resenha-a-aboli%C3%A7%C3%A3o-do-homem-c-s-lewis-d731a6c9af80> (acesso em 12/06/2022).

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Cleverson Leite; CANDIOTTO, Kleber Bez Birolo. **Filosofia da linguagem.** Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.
- CAMARGO, Anamaria. *As faláciais da superioridade moral ante a tragédia humana.* In: **XAVIER**, Dennys Garcia (org.). **Thomas Sowell e aniquilação das faláciais ideológicas: breves lições.** São Paulo: LVM Editora, 2019a, p. 179-198 - (Capítulo 7).
- CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas:** ciência para uma vida sustentável. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 9ª reimpressão. São Paulo: Cultrix, 2019b.
- CAPRA, Fritjof. **Ponto de mutação.** Tradução de Álvaro Cabral. 32ª reimpressão. São Paulo: Cultrix, 2018.
- CAPRA, Fritjof. **O Tao da física:** uma análise dos paralelos entre a física moderna e o misticismo oriental. Tradução de José Fernandes Dias. 2ª edição e 5ª reimpressão. São Paulo: Cultrix, 2019a.
- DUTRA, Luiz Henrique de Araújo. **Oposições filosóficas:** a epistemologia e suas polêmicas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.
- ENGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária.** Tradução de Matheus Corrêa. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- KENNY, Anthony. **História Concisa da Filosofia Ocidental.** Tradução: Desidério Murcho, Fernando Martinho, Maria José Figueiredo, Pedro Santos e Rui Cabral. Revisão científica: Desidério Murcho. 1ª edição: Lisboa: Temas e Debates — Actividades Editoriais, Ltda, 1999.
- LEWIS, C. S. **A abolição do homem.** Tradução de Remo Mannarino Filho. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014a.
- LEWIS, C. S. **Cartas de um diabo a seu aprendiz.** Tradução de Juliana Lemos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014b.
- LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples.** Tradução Álvaro Opermann. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- LEWIS, Clive Staples. **Deus no banco dos réus.** Tradução de Giuliana Niedhart. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2018b
- LEWIS, Clive Staples. **O peso da glória.** Tradução de Estevan Kirschner. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017.
- LEWIS, Clive Staples. **Um experimento em crítica literária.** Tradução de Carlos Caldas. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019
- PIZARRO, Djalma; SANTOS, Luciene Gomes dos; QUINTELA, Gilda Ribeiro. Entre as palavras e a realidade: uma questão linguística. In: XAVIER, Dennis Garcia (Coord.) **F. A. HAYCK e a ingenuidade da mente socialista.** São Paulo: LVM Editora, 2019, 2015-232.

RUSSELL, Bertrand. **História do pensamento ocidental**: a aventura dos pré-socráticos a Wittgenstein. 21ª edição. Tradução de Laura Alves e Aurélio Rabello. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017 (Coleção: Clássicos de Ouro).

SANT'ANNA, Filipe Galhardo. **Um Dinossauro no séc. XX**: uma introdução à teologia de C. S. Lewis. Disponível em: <https://ultimato.com.br/sites/cslewis/2018/03/15/um-dinossauro-no-sec-xx-uma-introducao-a-teologia-de-c-s-lewis/> (acesso em 14/07/22).

SCRUTON, Roger. **Como ser um conservador**. Tradução de Bruno Garshagen. Revisão técnica de Márcia Xavier de Brito. 6ª edição. Editora Record: Rio Janeiro/São Paulo, 2017.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Organização, tradução prefácio e notas de Pedro Süsskind. Porto Alegre: L&PM, 2013.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Aforismos para a sabedoria de vida**. tradução de Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2014.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Tradução de M.F Sá Correia. 4ª reimpressão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Seis ensaios de PARERGA e PARALIPOMENA**: pequenos escritos filosóficos. Tradução de Rosana Jardim Candeloro. Porto Alegre: ZOUK, 2016.

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira**: ou como o país se deixa manipular pela elite.2ª edição. Rio de Janeiro: Leya, 2018.

STWEEMAN, Brendan. **Religião**: um conceito chave em filosofia. Tradução de Roberto Costa. Porto Alegre: PENSO EDITORA, 2013

SYLVESTRE, Fernanda Aquino Sowell e *uma leitura sobre as visões de sociedade e a realidade paralela na mídia e no mundo científico*. In: XAVIER, Dennys Garcia (org.). **Thomas Sowell e aniquilação das falácias ideológicas**: breves lições. São Paulo: LVM Editora, 2019a, p. 149-165 (Capítulo 5).

XAVIER, Dennis Garcia (Coord.) **F. A. HAYCK e a ingenuidade da mente socialista**. São Paulo: LVM Editora, 2019b, 2015-232.

XAVIER, Dennys Garcia (org.). **Thomas Sowell e aniquilação das falácias ideológicas**: breves lições. São Paulo: LVM Editora, 2019a